Ano XXV — Lisboa, Abril de 1969 — N.º 288

SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino F. Macedo

Director-Adjunto
Joel Ribeiro

Redactor
Mariano Garcia

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telefs.: Redacção 63 66 07 — Administração 63 88 49 • Comp. e imp.: Livraria Cruz — Braga

A PROPÓSITO DO «DIA DO ESCOTEIRO»

O REI EDUARDO VII, BADEN-POWELL E O ESCOTISMO

Dois acontecimentos que se prendem intimamente com a fundação do Escotismo foram o assunto de duas célebres entrevistas do rei Eduardo VII, de Inglaterra, com Baden-Powell. A forma como elas foram conduzidas e bem assim as originais sequências que as compõem, fazem desses encontros duas peças muito curiosas da história dos primeiros tempos do nosso movimento, as quais, estamos certos, os escoteiros terão interesse em conhecer.

A primeira, realizada logo que B.-P. regressou a Londres após a famosa campanha de Mafeking, deu ensejo a que aquele soberano inglês — o Primeiro Fidalgo da Europa, *como foi reconhecido pelos seus contemporâneos, mercê das invulgares qualidades de aprumo, distinção e inteligência* — *exprimisse a sua admiração pela bravura dos defensores da cidade africana, simbolizados na pessoa do seu comandante, o general B.-P. E Mafeking é toda um mundo de recordações para os escoteiros, porque ali se cavaram os alicerces do nosso movimento.*

Além disso, esta primeira entrevista dá-nos oportunidade de avaliar curiosos aspectos do carácter de Eduardo VII, personalidade multifacetada, onde não sabemos que mais admirar, se a fineza do espírito, se a elegância das atitudes, se o firme respeito à disciplina.

Eis, pois, o relato que B.-P. nos deu desse famoso encontro:

Pouco tempo depois, tendo ido de longada até Londres, senti-me no dever de abrir a minha correspondência. No meio desta operação, rebentou uma «bomba», sob a forma de um «convite» para ir a Balmoral, a residência na Escócia da Família Real, para aí passar o fim de semana.

Deixei Londres no comboio da noite, via Aberdeen. Logo após a minha chegada a Balmoral, o coronel Davidson, escudeiro do rei, levou-me a visitar o castelo e o parque. Éramos velhos conhecidos, pois tínhamos feito ambos, em 1876, uma viagem para a Índia a bordo do *Sérapis*.

Durante a tarde, o rei Eduardo VII mandou-me chamar ao seu gabinete. Tivemos então uma longa e cordial conversa, na qual nada houve de carácter oficial.

Em determinada altura, tocou uma campainha e, a um lacaio que apareceu, ordenou:

— Peça à rainha o favor de vir aqui.

Dava-me a impressão que estava vivendo a história de *Alice no País das Maravilhas*.

A rainha Alexandra entrou pouco depois, trazendo com ela o neto, o actual príncipe de Gales (1), então ainda uma criança.

Ajoelhei-me para lhe beijar a mão, ou pelo menos para o tentar, porque me haviam dito que este gesto raramente alcançava êxito, visto a rainha ter o costume de retirar a mão no momento crítico. A pessoa encontrava-se, assim, ridiculamente a beijar a própria mão, que foi o que fiz, aliás.



BADEN-POWELL

O rei e a rainha fizeram-me um longo interrogatório sobre Mafeking, *lady* Wilson, Ronnie Moncrieff, sobre a situação da guerra nessa altura e o valor das tropas coloniais. Enfim, quiseram ainda saber tudo sobre a minha Polícia sul-africana.

A nossa conversação foi longa e muito cordial, entrecortada por algumas palavras particularmente amáveis de agradecimento e de felicitações, até que o rei me fez a imposição do grau de Oficial da Ordem do Banho e da medalha da Guerra Sul-Africana, convidando-me a permanecer algum tempo em Balmoral.

Quando deixei o castelo, dois dias depois, o rei veio despedir-se de mim ao vestíbulo e fez-me presente de uma bengala, como recordação. Depois, chamando-me à parte, disse-me, com uma voz grave que me comoveu profundamente:

— Durante as refeições, tive ocasião de o observar e estou convencido de que não come o suficiente. Quando se tem trabalho como o seu, é preciso alimentar-se convenientemente. Por esse motivo, mandei juntar uma peça de caça às suas bagagens, a fim de lhe estimular o apetite. Pense nisto: coma melhor!

Depois, com um jovial piscar de olhos, riu-se e apertou-me a mão com toda a franqueza.

Poucas vezes conheci um anfitrião mais alegre e amável. Isto escrevi eu, um dia ou dois mais tarde, ao coronel Davidson, que se apressou a ir mostrar ao rei e à rainha a minha carta!

Um dia e uma noite de viagem, puseram-me junto de amigos de Fowey, na Cornualha. No dia seguinte, à tarde, disseram-me:

— Pode tocar alguma coisa no seu violino?

— O meu violino?! — volvi eu. — Não tenho nenhum violino!

— Ora essa, vimos um violino entre as suas bagagens.

Subi ao meu quarto, para ver do que se tratava. Aí, em cima da minha cama, encontrei uma linda caixa, realmente parecida com o estojo de um violino. Dentro dela, estava um óptimo presunto — a oferta do rei.

Na segunda entrevista, fala-se concretamente do Escotismo. Foi dessa curta troca de impressões que surgiram as resoluções definitivas que influiriam profundamente no futuro do movimento. Através das afirmações de Eduardo VII pode ter-se uma ideia da clarividência do famoso monarca acerca da utilidade do Escotismo e do papel que lhe estava reservado no campo da educação da gente nova.

Eduardo VII, que em política internacional assumiu atitudes decisivas para a história do povo britânico na primeira década deste século, decisões essas que merecem dos historiadores encomiásticas referências, também nas questões que se prendiam com as necessidades da juventude se mostrou muito sensato e de tacto apurado.

Continua na pág. 6

VER NA 4.ª PÁGINA: A EXCURSÃO A SANTARÉM, VALE DE LOBOS, CALDAS E ÓBIDOS, COMEMORATIVA DO 25.º ANIVERSÁRIO DE «SEMPRE PRONTO»



D. Maria Luísa de Magalhães Esteves Pereira

Em 8 do corrente, após prolongada doença, faleceu a Sr.ª D. Maria Luísa de Magalhães Esteves Pereira.

A esta senhora se deve a criação, em 1916, do primeiro Grupo de Guias em Portugal, de que foi a primeira guia e a primeira dirigente.

Desde muito nova, a Sr.ª D. Maria Luísa Esteves Pereira demonstrou muito interesse por todos os movimentos de solidariedade. Foram estes sentimentos que a conduziram, em 1914, a prestar o seu concurso à Cruz Vermelha Portuguesa, instituição de que foi a primeira enfermeira, em tempos difíceis, pois, além de ter estado em serviço activo durante a revolução de 14 de Maio de 1914, esteve em vias de seguir para França como enfermeira do Corpo Expedicionário Português, para o que chegou a possuir o respectivo fardamento, projecto que, contudo, nunca se chegou a concretizar.

Mais tarde, por sugestão da esposa do Sr. Comandante Melo Machado, funda em Lisboa, na Academia de Estudos Livres, o Grupo n.º 28 da A. E. P., grupo a que pertenciam sòmente guias, que, nesse tempo, ainda eram denominadas escoteiras. Dentro desse grupo, com mais quatro raparigas, constituiu a patrulha «Rosa», a qual levou a efeito, na sua vida efémera, algumas interessantes actividades, constantemente fiéis ao lema «*Sempre Útil*» que as primeiras guias adoptaram para o movimento precursor do guidismo em Portugal.

Em todas as ocasiões a Sr.ª D. Maria Luísa Esteves Pereira demonstrou igual simpatia pelo movimento escotista, para sempre tocada pelos seus altruístas objectivos. Assim, ao constituir-se a Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, esta senhora prontamente adere a esta instituição, o que nos dá o privilégio de sua amável e simpática presença em tantas iniciativas da Fraternal, privilégio que só nos seria tirado pela grave doença que acaba de a vitimar.

Em 5 de Fevereiro de 1960, quando da última visita a Lisboa de *Lady* Baden-Powell, foi a primeira guia portuguesa que, em nome da Fraternal dos Antigos Escoteiros, lhe fez a entrega de uma lembrança: um par de lindos bonecos, com trajos regionais.

Em reconhecimento da sua dedicação ao escotismo, em 1960 a Sr.ª D. Maria Luísa Esteves Pereira foi eleita vice-presidente da Fraternal dos Antigos Escoteiros, para que sempre foi reeleita e que sobraçava ainda nos actuais corpos gerentes.

A morte desta senhora enlutou toda uma família de escoteiros: seu marido, Sr. Brigadeiro Esteves Pereita, escoteiro pelo coração e nosso prezado assinante, seu filho, Sr. Luís Artur Correia de Magalhães Esteves Pereira, antigo escoteiro, e suas netas e neto, guias e lobito.

A estes nossos prezados amigos, bem como à Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, «Sempre Pronto» apresenta condolências muito sentidas.



Aeroporto de Lisboa, em 5 de Fevereiro de 1960: a sr.ª D. Maria Luísa de Magalhães Esteves Pereira, a primeira guia de Portugal, entrega um brinde da Fraternal a *Lady* Baden-Powell.

Liga Portuguesa de Profilaxia Social

Sumário de actividades de Outubro de 1966 a Agosto de 1968

Temos presente o sumário de actividades, referente ao período acima indicado, da Liga Portuguesa da Profiiaxia Social.

Apesar da falta de meios pecuniários com que luta esta instituição, é muito interessante o conjunto de iniciativas, todas elas de evidente utilidade, que a Liga levou a efeito.

Destacam-se, entre várias, 17 conferências pronunciadas por diversos oradores sobre os mais diferentes temas culturais, científicos, literários e históricos.

Também é relevante o apoio oferecido a instituições beneficentes e científicas, por motivos de campanhas que promoveram. Entre elas, avulta a construção, no Porto, de um hospital para cancerosos, de que a Liga Portuguesa contra o Cancro inspirou a campanha e que está em vias de concretização.

Porém, outros empreendimentos de grande utilidade e actualidade a Liga de Profilaxia tem levado a efeito, que se relacionam com a moralidade, publicidade, instrução, cultura, higiene (o problema do lixo na Capital do Norte), assistência e previdência, zoofilismo e orientação profissional.

Deve-se dar relevo especial à tomada de posição, perante as Autoridades, aquando da realização, no nosso País, de uma tourada com picadores de touros. Da exposição feita a propósito deste acontecimento, permitimo-nos destacar o seguinte passo, pela lucidez com que é posto o problema: «*A Liga Portuguesa de Profilaxia Social desaprova veementemente a actuação dos picadores. Ao fazê-lo, é intérprete dos sentimentos do vasto e qualificado sector da opinião pública que aglutina em volta desta Instituição.*

«*Não é tão-sòmente a piedade pelos animais — de resto própria de corações bem formados — que nos leva a negar o nosso voto à prática selvagem de picar os touros; é uma razão mais alta, de ordem educativa. Dar à multidão o espectáculo sangrento e degradante da enterrar na carne, a frio, um chuço aguçado, fazendo-a delirar de entusiasmo com o sofrimento de um animal nobre e generoso, é estimular os instintos sanguinários do povo; é acordar, pela vista do sangue, tudo quanto de grosseiro e de feroz existe na besta humana.*

«*Digam o que disserem os defensores do advento dos picadores, a sua exibição pública não pode deixar de exercer uma funesta influência moral. Fazer sofrer para divertir já é torpe; dar ao sofrimento foros de grande espectáculo, é criar uma escola de crueldade e de crime. O homem nasceu já demasiadamente feroz para que nós procuremos, cultivando os seus baixos instintos, torná-lo mais feroz ainda*».

Enfim, o «Sumário de Actividades» é uma publicação que se lê com proveito e respeito. Por isso, desejamos à simpática instituição nortenha os maiores êxitos nos seus esforços em prol da educação do povo português e novas energias para atacar de frente os inúmeros problemas que persistem sem solução satisfatória.

Antes de terminar, queremos estranhar o facto de, na relação dos jornais que a instituição recebe, não se contar o nome de «*Sempre Pronto*», pois este jornal há muito que visita a Liga de Profilaxia e lhe dedica um interesse muito particular, aliás absolutamente merecido.



Cursos de Treino da Equipa de Formação

Estes cursos, que também se designam por «Treinando a Equipa de Formação» estão este ano projectados para se realizarem em diferentes partes do mundo escoteiro.

Em Gilwell Park, Inglaterra, realizam-se dois destes cursos, respectivamente de 3 a 7 de Abril e de 30 de Agosto a 3 de Setembro. Este último será seguido da reunião anual de «Gilwell», que se destina a todos os diplomados com a Insígnia de Madeira e que este ano comemora os seus 50 anos.

Em Portugal, os respectivos serviços de Formação, estão organizando cursos da especialidade, que se destinam não só ao nosso País mas também à associação de Espanha, estando já encetadas relações para a sua promoção.

A Pontinha em Festa

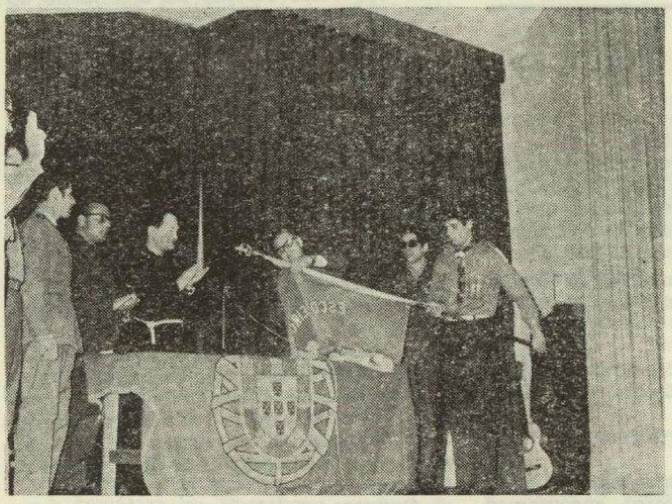
O Grupo n.º 19 comemorou o 1.º aniversário

No salão paroquial do Bairro do Padre Cruz, na Pontinha, assistimos, no dia 16 do passado mês de Março, às comemorações do 1.º aniversário do simpático Grupo n.º 19 da A. E. P.

Há muito que não víamos tamanha azáfama e animação. Pedro Lopes, o chefe do Grupo, atarefadíssimo, dava indicações a este e àquele escoteiro e respondia solícito às várias perguntas que lhe eram dirigidas pelas pessoas que vinham chegando.

O Chefe do Núcleo B, por incumbência da Direcção da A. E. P., e por impossibilidade da presença do Grupo n.º 9, colocou no peito do pai do inditoso escoteiro a Medalha de Abnegação, com que a A. E. P. galardoou pòstumamente o escoteiro «Cobé». A mãe do escoteiro falecido, foi entregue um lindo ramo de flores, por seu neto, um lobito do Grupo n.º 19.

A encerrar a sessão solene, falou o Rev. Padre Francisco, presidente do Grupo aniversariante, que agradeceu a



O momento em que, na bandeira do grupo, era colocada a estrela do 1.º ano de actividade

A Sessão Solene

Cerca das 16 horas, com a sala repleta — perto de 300 pessoas, entre as quais muitos elementos de grupos da A. E. P. e do C. N. E., deu-se início à sessão solene.

Presidiu à sessão o sr. Rev. Padre Francisco, pároco da Pontinha e presidente do Grupo, ladeado pelos srs. escoteiro-chefe-geral adjunto Eng.º Nobre Santos, Rev. Padre Baptista, missionário em Moçambique, os representantes dos Núcleos de Lisboa Mário Leite e José Saraiva e ainda por dois membros da Direcção do Grupo e o chefe Pedro Lopes.

Em primeiro lugar, usou da palavra o chefe Lopes, que, em breves e pitorescas pinceladas, traçou a história do Grupo e a sua formação na Pontinha.

A assistência vibrou quando o Engenheiro Nobre Santos colocou a estrela comemorativa de um ano de actividade na bandeira do Grupo, acto que foi muito ovacionado.

O Chefe-Geral Adjunto teceu então considerações sobre o Grupo em festa, afirmando que a A. E. P., como associação aberta a todos os credos e raças, via, com alegria, a localização daquela unidade escoteira e o bom acolhimento que ali tivera. Seguidamente, convidou o Rev. Padre Francisco a colocar no peito do Chefe Lopes a Medalha de Dedicação e Bons Serviços, classe Prata, com que a chefia-geral decidira galardoar aquele dirigente. O público aplaudiu longamente aquela homenagem e o chefe do Grupo agradeceu, emocionado, a distinção que lhe fora conferida.

Condecoração Póstuma

Aproveitando o momento solene, foi evocada a memória do escoteiro Carlos Alberto da Silva Morais o «Cobé», do Grupo n.º 9, morto em defesa da Pátria, em Moçambique, irmão do Chefe-Adjunto do Grupo n.º 19.

presença dos representantes da A. E. P. e de toda a assistência. Num brilhante improviso, que empolgou a assistência, demonstrou a utilidade do método escoteiro como modelo da educação cristã e formativa do homem. Salientou ainda que dera todo o apoio àquele grupo, porque viu que «a obra era boa e que, portanto, foi fácil convencê-lo a organizar o grupo na sua Paróquia».

Dissertando, depois, sobre as qualidades que um rapaz pode adquirir ao serviço do escotismo, afirmou: «O escoteiro nunca olha para trás senão para ver o caminho errado, se porventura o trilhou, e depois endireitá-lo». E mais adiante: «O escoteiro é um homem de todas as horas, que vence sempre nas horas difíceis, que luta e trabalha para assim se valorizar como homem e, desta maneira, construir um futuro risonho para si e para os que o rodeiam».

Prosseguindo, frisou que o método de B.-P. apelava para a honra, disciplina, integridade física e espiritual e fazia o rapaz «habituar-se a criar uma situação de vitória todos os dias da sua vida».

Finalizou a sua alocução, apelando para que todos os paroquianos apoiem o trabalho a realizar e manifestou a sua simpatia por aqueles rapazes que seriam futuros homens, amantes de Cristo e da Pátria.

Uma longa ovação coroou as palavras do orador.

O Acto de Variedades

Seguiu-se, então, um acto de variedades, que entusiasmou a assistência.

O «19» vai marcando posição neste trabalho e, assim, tivemos ocasião de ver um espectáculo interessante, colorido, cheio de peripécias. Pequenos números, poesias, diálogos, monólogos, canções com abundância, entreactos sérios fizeram o delírio da assistência.

Entre os números apresentados, destacamos o episódio cristão «Alma Perdida», o «Museu de Cinema», as canções do Kim, a bonita voz do escoteiro Armando Borges nos seus fados, os números dos lobitos, entre os quais a «Dança da Morte de Xiracã».

Enfim, um espectáculo divertido, variado e simples, como devem ser as coisas escoteiras.

A. I.



ALEMANHA FEDERAL

Por ocasião de um acampamento escotista, uma das condições para participar eram as inscrições individuais, que deviam ser feitas por meio da entrega de selos do correio comemorativos, medida tomada dentro do plano de auxílio aos escoteiros diminuídos fisicamente. Resultado: obtiveram-se 423 000 selos!

CEILÃO

Quando a cidade de Chilaw foi devastada por violenta tempestade marítima e um ciclone, os escoteiros entraram em acção prontamente, dedicando-se à construção de abrigos e ao auxílio dos sinistrados.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Acaba de ser publicado um vasto programa de expansão e de modernização do escotismo, a executar nos próximos oito anos, o qual foi denominado **Boypower 76.** Os objectivos nele previstos, de ordem quantitativa e qualitativa, devem estar atingidos em 1976, quando a grande nação americana comemorar o 200.º aniversário da independência.

Foram numerosos os dirigentes que cooperaram no delineamento deste programa. A agência publicitária Léo Burnett, Inc. ofereceu a sua colaboração, a título gracioso. Em Baltimore, cerca de 300 grupos de escoteiros estão a pôr em execução um programa que denominaram **Open Houses,** tomando como base as escolas locais. Nas sessões, que se realizam à noite, tomam parte rapazes estranhos ao escotismo, acompanhados de seus pais, os quais são elucidados acerca do que é o escotismo.

Conseguiu-se, assim, o recrutamento de 1 800 jovens e 210 adultos.

FILIPINAS

Os escoteiros deste país promoveram uma campanha nacional de povoamento florestal, com o objectivo de secundar o esforço do governo nesse sentido. Os escoteiros filipinos participam regularmente em campanhas de desenvolvimento e de urbanização.

— Um relatório circunstanciado sobre um abalo de terra que houve em Manila o ano passado revela que 4 800 escoteiros e guias (escoteiras) trabalharam, como voluntários, nas equipas de socorros.

JAPÃO

Os preparativos para o Jambori de 1971 continuam em bom ritmo. Por este motivo, 80 % dos trabalhos a realizar ficarão concluídos até final deste ano.

Um concurso para os escoteiros da região de Lisboa

Três viagens na excursão de «Sempre Pronto»

Concurso «Um programa para a minha patrulha»

O concurso destina-se a escoteiros de 13 a 17 anos de idade. Consta da elaboração de um programa de três meses de actividade para a Patrulha, com vista a fomentar o seu progresso.

O programa deve indicar as actividades em cada semana, explicando a forma como se devem realizar e desenvolver, bem como os objectivos a atingir.

Pretende-se um programa de actividades variadas, tanto de sede, como de cidade e de ar livre.

O trabalho será desenvolvido em papel de formato almaço, não ocupando mais de três páginas, podendo ser dactilografado ou escrito à mão. Será assinado com pseudónimo e não conterá qualquer referência que possa identificar o seu autor ou o Grupo a que pertence.

O programa será entregue num sobrescrito fechado, tendo, por fora, apenas a indicação: Concurso «Um programa para a minha Patrulha».

Outro sobrescrito fechado e lacrado conterá uma folha de papel com o pseudónimo, o nome do concorrente, a idade, o grupo e a Patrulha a que pertence, os anos de serviço e o cargo que ocupa.

Por fora, este sobrescrito indicará «Identificação do pseudónimo ...»

Os trabalhos serão classificados por um Júri constituído por antigos Escoteiros-Chefes e a classificação terá em conta a imaginação do Autor, conhecimento escotista, utilidade prática e idade do concorrente.

Os três primeiros classificados terão como prémio um lugar na excursão de «Sempre Pronto» em 22 de Junho próximo.

Os trabalhos deverão ser entregues na Redacção de «Sempre Pronto» até 5 de Junho de 1969.

O Júri reserva o direito de não atribuir todos os prémios se o nível dos trabalhos recebidos não justificar a sua classificação.

«Escotismo e Política»

Teve bom acolhimento, graças à generosidade dos nossos amigos, o apelo que fizemos para nos ajudarem na publicação em separata, do artigo que publicámos no número de Fevereiro último, que se deve à colaboração preciosa do nosso estimado amigo Professor A. Alvaro Dória.

A acrescentar aos donativos que foram publicados no número anterior, há a juntar mais os seguintes:

Sr. Joaquim de Sousa Piscarreta, 100$00;
Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, 100$00;
Grupo n.º 94, de Lisboa, 70$00.

Com a publicação destas amáveis ofertas, que muito agradecemos, encerramos este apelo, por já não serem necessários mais fundos para este efeito.

Informamos que a separata já está publicada. Os interessados poderão dirigir-se à Administração deste jornal, sendo o custo de cada exemplar de Esc. 2$50.

No 25.º ano de publicação de «Sempre Pronto»

Uma Excursão Cultural

Para início das comemorações do 25.º aniversário deste jornal, promovemos uma excursão no domingo, dia 22 de Junho, com partida de Lisboa, Cais Sodré, às 7.30 horas da manhã.

A excursão dirige-se a Santarém e logo a Vale de Lobos, local onde Alexandre Herculano passou os últimos anos da sua vida, depois de se retirar da actividade literária. Nesse local, por gentil autorização dos seus proprietários, os excursionistas evocarão a memória do íntegro historiador, fazendo uma evocação o nosso colaborador e companheiro Luís Simões Aurélio.

Visitaremos depois Caldas da Rainha, onde almoçaremos, podendo utilizar os serviços de um restaurante local que está preparado para acolher a excursão.

Depois da visita ao Museu Malhoa e de um período de repouso no Parque, a excursão segue para Óbidos, em visita à pitoresca e histórica vila, com visita aos seus monumentos. O regresso será feito com passagem pela Praia da Areia Branca e Torres Vedras.

O preço da excursão é de Esc. 70$00. A inscrição encontra-se aberta, podendo os interessados dirigir-se à Redacção do «Sempre Pronto» ou a qualquer dos seus habituais colaboradores. A marcação de lugares será feita por ordem da inscrição.

No acto da inscrição deverá ser pago 50 % da passagem, devendo a sua liquidação integral estar feita em 5 de Junho. Depois desta data não garantimos a reserva dos lugares e só devolvemos a importância inicialmente recebida se os lugares forem ocupados.

Curso internacional de língua inglesa para Escoteiros e Guias

As associações inglesas de Escoteiros e Guias promovem um curso para ensino da língua inglesa em regime de acampamento e internato, destinado a elementos das associações de outros países.

A orientação das aulas será feita por Chefes Escoteiros e Guias diplomados em universidades inglesas.

O curso será realizado de 6 a 20 de Agosto próximo, em Cambridge, devendo os participantes ter idade compreendida entre os 15 e os 18 anos.

O preço de estadia e de alimentação é de 20 libras e as viagens de ida e volta a Cambridge serão por conta de cada participante.

As inscrições devem ser enviadas pelos interessados para os Serviços Centrais da A. E. P. até 10 de Maio próximo, onde se prestam mais informes.

«DOS AMIGOS DE SEMPRE PRONTO»

DE LUTO

Em 17 de Março passado, faleceu o sr. Jorge Portugal Costa, que deixou viúva a sr.ª D. Cassilda de Faria Lapa e Costa, irmã do nosso estimado amigo e assinante sr. Prof. Dr. João Faria Lapa.

A família enlutada, e particularmente ao sr. Prof. Faria Lapa, apresentamos sentidas condolências.



HÁ 20 ANOS "SEMPRE PRONTO" PUBLICAVA:

LEMBRAS-TE ?

A reunião revestiu-se de um carácter de intimidade que uniu todos os presentes numa atmosfera de amizade e camaradagem, propícia a uma recordação saudosa dos belos tempos de actividade do 1. Se tivéssemos de escolher uma legenda para esta reunião escreveríamos: Tu lembras-te? *Era esta a frase que a todos se ouvia* — Lembras-te? — Recordas-te? *E recordavam-se, e isso era motivo de satisfação, de alegria.*

— Tu lembras-te? Naquele acampamento em que eras o cozinheiro? Grande partida que o Cosme te pregou!

— O que foi? — *perguntou outro.*

— Ele era naturalista e naquele dia disse-nos: «Hoje vou-vos provar como se pode fazer uma boa sopa sem pedaços de carne cadavérica». Tomou todas as disposições para que a sopa ficasse realmente bem temperada, mas o Cosme arranjou forma de ele se ausentar da cozinha e pregou-lhe com um chouriço de todo o tamanho dentro da panela, onde cozeu durante uma boa meia hora. Antes da sopa ser servida, foi possível retirar de lá o enorme chouriço.

O nosso cozinheiro serviu a sopinha, que todos comeram com agrado, e, no fim, vitorioso pergunta: «Então, pode-se, ou não, fazer uma boa sopa sem pedaços de cadáver?» Nesta altura, o Cosme puxa do chouriço e interroga no meio de uma gargalhada geral: «E este chouriço que lá esteve meia hora a cozer?...» Lembras-te? Lembras-te?

(Da reportagem de um jantar comemorativo da fundação do Grupo n.º 1)

TEATRO AMADOR

de colaboração com o Grupo n.º 8 dos Escoteiros de Portugal

No salão de festas da Igreja Presbiteriana da Rua Febo Moniz, onde o Grupo n.º 8 tem a sua sede, foram realizados em Março e Abril corrente, três serões de teatro amador em que colaboraram escoteiros e outros amigos daquela Igreja.

Foram apresentadas duas peças. Uma opereta com base numa cena rural e um drama de sentido religioso. O ensaio esteve a cargo do nosso amigo Sr. António Gonçalves (Barradas), que já de há longos anos se dedica a estes trabalhos em colaboração com diversos Grupos de Escoteiros. Os actores, alguns muito jovens e que pela primeira vez actuavam, desempenharam os seus papéis com acerto.

O drama é da autoria do falecido antigo escoteiro Sr. Roberto Canuto.

Florence Nightingale aconselhou certa vez: **«Não comecem com um programa, mas com um acto».**

Filatelia

por MENDES MARQUES

Selos e Catálogos Temáticos

O extraordinário desenvolvimento que as colecções temáticas hoje conhecem tem proporcionado o aparecimento de catálogos especializados que, por essa razão, possibilitam uma fácil aquisição dos selos e das peças filatélicas e a consequente montagem das respectivas colecções. Assim, a flora, a fauna, os desportos, a religião, a astronáutica, entre outros, têm já os seus catálogos editados por várias casas filatélicas. Longe vai o tempo em que filatelistas e comerciantes desdenhavam de tais selos.

Entretanto, sucede, por vezes, nem sempre os referidos catálogos corresponderem inteiramente à verdade, não incluindo todos os selos da temática respectiva o que, òbviamente, se presta a confusões no espírito de muitos filatelistas. Este facto só é de atribuir *à ligeireza* de interpretação ou ao desconhecimento das razões que motivam determinadas emissões. Contudo, estas «omissões» são um poderoso aliciante na vida dum filatelista. Obrigam-no a ser um apaixonado e um pesquisador infatigável, enfim, a ser aquilo que o distingue da vulgaridade.

A temática de Escotismo usufrui de significativo prestígio no mundo filatélico, não só pelo número de selos e peças que a compõem, mas também pela extraordinária audiência que o movimento desfruta em todo o mundo livre. A casa Brun et Fils decidiu, há já alguns anos, dividir em duas partes — Desportos e Escotismo — o seu catálogo de «Desportos».

Pois bem, como é o mais consultado sobre Escotismo, vou procurar justificar algumas falhas de que o mesmo enferma, corroborando, assim, o que acima acabo de citar. Antes, porém, um sucinto esclarecimento, não obstante os leitores desta rubrica serem, na generalidade, leitores esclarecidos, atenta a sua condição de escoteiros.

O Escotismo, movimento para formação da juventude, fundado em 1907 por Robert Baden-Powell, é orientado pelas directrizes da Conferência Mundial, que só reconhece o Escotismo praticado nos chamados países livres e cujas organizações se encontram, òbviamente, inscritas no *Bureau* Internacional. Excluem-se, portanto, os países de regime totalitário, mas tão-sòmente a partir da data em que foram eliminados daquele órgão superior do Escotismo. Assim, não são de considerar os selos que, por exemplo, o catálogo Torrens insere com essa designação e que, na verdade, não são mais do que selos alusivos aos pioneiros ou a qualquer outra organização estatal.

Todos os selos que o catálogo Brun refere, respeitam ao movimento escotista e, portanto, os únicos a aceitar. Todos não: O selo 704 dos Estados Unidos está a mais, sinal de que não é só ligeireza de interpretação. Simplesmente, verificam-se algumas faltas, e que faltas...

Assim, verifica-se a omissão dos 2 selos (Yvert 20/21) do Cabo da Boa Esperança que, com o indicado, completam a série que constitui o *prato forte* da temática escotista. Na verdade, os 3 selos completam-se e a razão da sua omissão está na base da primeira experiência do Escotismo que, 7 anos depois, haveria de lançar o movimento na senda dos êxitos que todos conhecemos. É evidente que há muitos filatelistas que, independentemente de terem ou não terem disponibilidades para a sua aquisição, não concordam com a sua inclusão na temática escotista por, com muita lógica, o movimento ter visto a luz do dia no verão de 1907 e, consequentemente, apenas ser de coleccionar tudo o que seja posterior a esta data.

Destes e dos outros em seguida indicados, serão feitos os necessários comentários no próximo número:

Hungria—A45 e A47/B (1940 e 1941);
Holanda — 505/6;
Liechtenstein — 110;
Polónia — 414;
Checoslováquia — Zumstein 1/4;
Turquia — Zumstein 126 e 161;
Nova Zelândia — 267/8;

XVII Poemeto Filatélico

Se se produzisse um selo evocativo de Olivença, a vila da Saudade, talvez o saudasse assim:

De Olivença o baluarte
(Que possa ser afirmado
Em declaração leal!)
É um espinho de espadarte
Desde séculos cravado
Na carne de Portugal.

Eduardo Moreira

CURSOS DE MONITORES DE SEGURANÇA NO TRABALHO

O Centro de Prevenção de Acidentes de Trabalho e Doenças Profissionais vai realizar Cursos de Monitores de Segurança em Lisboa, Porto e, caso haja número de inscrições que o justifique, em Coimbra.

Dado que o início dos cursos está previsto para o presente mês de Abril, as inscrições devem ser feitas quanto antes.

Os cursos terão um total de 25 lições, de duas horas cada, em horário pós-laboral.

A taxa de inscrição é de Esc. 100$00. Todos os interessados devem contactar o Centro de Prevenção de Acidentes de Trabalho e Doenças Profissionais (Rua do Telhal, 12-4.º Dt.º, em Lisboa, telefones 50527 e 538794), onde serão prestados todos os esclarecimentos.

UMA FOTOGRAFIA HISTÓRICA



Em 1922, na serra da Arrábida, o comissário nacional Dr. Alfredo Tovar de Lemos entrega ao E. C. Marcelo Caetano a insignia do Curso de 1922. A seu lado, o hoje Professor Eng.º Henrique de Barros, que a seguir recebeu, também, as «bolotas».

OS MAIORES JAMBORIS MUNDIAIS

Quando recentemente nos referimos aos efectivos escoteiros presentes nos Jamboris Mundiais, dissemos que os maiores até agora realizados tinham sido os de Moisson (França) em 1947, e Sutton Park (Inglaterra) em 1957. Um dedicado leitor fez o favor de chamar a nossa atenção para o Jambori de 1929, de Arrowe Park, Inglaterra, onde se calcula que tenham estado presentes pelo menos 50 000 escoteiros. Foi, portanto, este o Jambori de maior número de presenças, em que Portugal também esteve representado por uma delegação constituída por membros das duas associações portuguesas.

ANTIGOS ESCOTEIROS

1950

H.M.

Visita Cultural

A Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal promoveu no dia 30 de Março p. p. uma visita ao Palácio Nacional da Ajuda, em Lisboa.

Esta actividade, que despertou muito interesse nos que nela participaram, foi seguida de um almoço de confraternização, num restaurante da Capital.

Deseja-se que, na próxima iniciativa da Fraternal, sejam em maior quantidade as presenças de antigos escoteiros, e famílias, a fim de que se tire destas realizações o maior proveito.

O REI EDUARDO VII, BADEN-POWELL E O ESCOTISMO

Continuação da pág. 1

É isto o que nos diz B.-P. da sua nova visita a Balmoral:

Por estes anos, todavia, explodiu nova «bomba». Era o movimento escotista, por mim ideado, mas que tão ràpidamente floresceu em todo o país que, bem depressa, pus perante mim a questão de não me ser preferível cessar por completo a minha actividade militar para me dedicar inteiramente a esta nova obra e à sua organização.

O rei Eduardo VII tinha-me convidado a visitar Balmoral e juntos discutimos longamente o problema dos escoteiros. Embora o movimento estivesse ainda em embrião, ele tinha uma grande confiança no seu futuro e pediu-me insistentemente que lhe desse impulso. Isto porque, quando se me tinha posto a questão de saber se me era possível abarcar estas duas actividades, chegara aos ouvidos do rei que eu tinha a intenção de me retirar do exército. Escreveu-me imediatamente a perguntar-me se de facto assim era, dizendo-me que, em sua opinião, não seria sensato, da minha parte, deixar o exército, agora que estava nele sòlidamente estabelecido.

No dia seguinte, contudo, depois de maior reflexão, reconheceu que, dadas as possibilidades do futuro do movimento e a urgência da sua organização, eu teria motivos suficientes para me demitir e consagrar todo o meu tempo e energias a essa nova tarefa.

O fim da minha visita a Balmoral era o de receber da mão do rei o grau de Cavaleiro da Ordem de Vitória. Cheguei ali ao entardecer e foi-me dito que a cerimónia se realizaria no dia seguinte. Porém, quando me vestia para o jantar, Legge, escudeiro do rei, veio aos meus aposentos dizer-me que Sua Majestade queria entregar-me a condecoração imediatamente. Eis o que anotei, então, no meu diário:

«Antes de ir para junto do rei, o coronel Legge, escudeiro do rei, tirou-me as minhas pequenas medalhas e colocou no exterior do meu casaco dois alfinetes de ama e ao mesmo tempo deu ordem a dois lacaios para levarem, um, uma almofada e, outro, uma espada.

«Dava-me a impressão que estava a assistir aos preparativos para uma condenação à morte!

«Entrámos. O rei, em trajo escocês, sorrindo apertou-me a mão, depois, conservando a minha mão na sua, disse-me que, como recompensa dos meus numerosos serviços e, em particular, daquele que eu prestava actualmente à pátria, organizando os escoteiros, desejava fazer-me Cavaleiro da Ordem de Vitória.

«Sentou-se, então, e eu ajoelhei à sua frente, sobre a almofada. O escudeiro estendeu-lhe a espada, com a qual me deu um ligeiro toque em cada ombro; depois colocou-me a cruz pendente de uma fita à roda do pescoço e, no peito, a estrela da Ordem. Por fim, deu-me a mão a beijar. Disse-me, em seguida, rindo, que o lacaio se encarregaria da insígnia. Eu saí depois.»

(Coincidência curiosa: no outro dia, como assistia pela primeira vez a uma sessão da Câmara dos Lordes, o mordomo que me recebeu contou-me que estivera presente na cerimónia que acabo de narrar e deu-me a saber que eu passara aquela noite num quarto ao lado do do rei).

«A cerimónia estava atrasada alguns minutos. Quando desci à sala, encontrei aí, a aguardarem-me, todos os participantes. Os que eram condecorados com a Ordem de Vitória formavam uma pequena guarda de honra. Cada um deles me apertou a mão. Sentia-me muito embaraçado, mas ao mesmo tempo orgulhoso e feliz».

Descobri, mais tarde, o motivo da antecipação da cerimónia da condecoração: as cartas da ementa do jantar tinham sido impressas com antecedência e o oficial encarregado de as preparar, julgando que a cerimónia se realizaria nesse mesmo dia, tinha-me inscrito com o título de *sir*, ao qual eu teria direito daí em diante. Foi para anular esse erro que o rei se sentira obrigado a fazer-me cavaleiro antes do jantar!

A prontidão de Eduardo VII em reparar erros de protocolo era notória. Tive disso uma prova nessa tarde. Um servo egípcio, vestido com uma libré sumptuosa, encontrava-se atrás da sua cadeira. O rei, que parecia ter olhos na nuca, dirigiu-lhe imediatamente uma enérgica reprimenda. O servo precipitou-se imediatamente para fora da sala: havia esquecido as suas insígnias. Ao voltar, alguns minutos mais tarde, recebeu nova admoestação, dessa vez por as ter colocado no lado contrário do uniforme.

Depois do jantar, o rei, tomando-me à parte, fez-me sentar a seu lado num sofá e conversou comigo, durante meia hora, sobre os escoteiros. O movimento contava apenas dois anos, mas tinha-se desenvolvido com extraordinária rapidez: assistira, na véspera a um *rallye*, no qual participaram 5 640 rapazes e, um mês antes, estiveram 11 000 numa reunião no Palácio de Cristal.

O rei fez-me muitas perguntas acerca dos fins e dos métodos escotistas, dizendo-me que estava convencido de que o movimento correspondia a uma verdadeira necessidade. Previu, para ele, um magnífico futuro e exprimiu o desejo de passar revista aos escoteiros no Parque de Windsor, no ano seguinte. Aprovou a minha sugestão de dar o título de King's Scouts (²) aos escoteiros que melhor tivessem trabalhado e concluído as provas para esse efeito seleccionadas.

Foi um homem feliz aquele que se deitou, nessa noite, na minha cama!

Quando apresentei o pedido de demissão surgiu o problema da minha reforma. Calcule-se a atrapalhação que senti quando me disseram que a minha idade não me dava direito a uma pensão. As minhas promoções tinham sido tão frequentes que, com 50 anos, já era tenente-general, quando a lei não permitia que se atingisse essa patente antes dos 62. Tivera, na verdade, uma sorte fenomenal em obter promoção rápida em cada uma das etapas da carreira militar.

Com efeito:

— no início, entrei directamente para o serviço, em lugar de ir dois anos para Sandhurst;

— de subtenente, passei a tenente com dois anos de avanço, depois de, com felicidade, ter ficado bem nos exames;

— de tenente, e depois ajudante, passei a capitão supranumerário;

— como capitão, desempenhei as funções de secretário militar em serviço activo, o que me valeu o posto de major;

— em seguida à campanha dos Achantis, recebi o posto de tenente-coronel;

— após ter feito a campanha dos Matabeles como tenente-coronel, subi a coronel;

— coronel durante a guerra dos Boeres, uma promoção especial fez-me major-general, com a idade, relativamente jovem, de 43 anos. Foi assim que cheguei a tenente-general antes de atingir os 50 anos!

No entanto, tudo se arranjou para que eu pudesse receber a minha pensão: fui nomeado coronel em chefe do meu antigo regimento, o 13.º. de Hussardos, e o rei conferiu-me, então, o grau de Cavaleiro da Ordem do Banho.

Ian Hamilton escreveu-me uma carta de felicitações, na qual me dizia: *«As honras chovem sobre si ao ponto de lhe dar um Banho!»*

Custou-me a deixar um serviço que tanto tinha amado. Contudo, não me sentia com o estofo de general e pusera de parte a intenção de ir mais além na escala militar. Bastava-me um regimento, porque isso me permitia contactar pessoalmente com os meus homens.

Nestas circunstâncias, foi para mim um grande conforto ter recebido uma carta que me escreveu o ministro da Guerra. Depois de exprimir, com palavras amáveis, a mágoa que sentia por me ver sair do exército, ajuntava: *«...Contudo, estou convencido de que a organização dos escoteiros pode atingir uma tal importância no futuro que o facto de se ir consagrar inteiramente a esse trabalho é prestar o mais relevante serviço ao país».*

E assim terminou a minha Vida n.º 1.

Assim começou a Vida n.º 2 de B.-P. e, com ela, uma época que viria confirmar as previsões do monarca inglês, pois o escotismo acabaria por revolucionar os métodos da educação da gente nova.

(¹) Mais tarde, rei Eduardo VIII e actualmente duque de Windsor.

(²) Escoteiros do Rei, equivalentes aos nossos Escoteiros da Pátria.

CUMPRIMENTOS A «SEMPRE PRONTO»

Por ocasião das festas da Páscoa, tiveram a gentileza de endereçar cumprimentos a «Sempre Pronto» o nosso estimado assinante Sr. António José Oliveira Esteves, do Porto, e o Grupo n.º 23 dos Escoteiros de Portugal, de Queluz, cumprimentos que muito agradecemos e retribuímos com amizade.

«Acampamento escotista» na órbita lunar

Conforme já noticiámos, os três astronautas que tomaram parte no histórico voo da Apolo-8 são todos antigos escoteiros.

Frank Borman nasceu em Gary (Indiana) e foi escoteiro em Tocson, no Arizona.

William A. Anders foi Life Scout *na Califórnia.*

Quanto a James A. Lovell Jr., «Eagle Scout», é membro da Boy Scouts of América *e trabalha presentemente com lobitos no Texas.*

O 11.º Jambori no Ar

Foi publicado o relatório da Secretaria Mundial do Escotismo

ASSOCIAÇÃO DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

XI JAMBOREE NO AR

19/20 de Outubro de 1968

Foi editado pela Secretaria Mundial do Escotismo o relatório do 11.º Jambori no Ar.

Esta publicação oferece diversas fotografias de escoteiros de vários países do mundo, operando nas estações emissoras, durante esta actividade escotista. É curioso notar-se que, das 23 fotografias insertas no relatório, 4 dizem respeito a grupos portugueses, o que demonstra, sem dúvida, o valor da participação portuguesa no 11.º JOTA.

O relatório abre com um apontamento sobre a origem dos JOTA e os factos mais notórios da sua história, após o que publica um resumo do trabalho desenvolvido no realizado em 1968. Para já, o 11.º JOTA ficou assinalado por, durante a sua efectivação, ter operado a 1.ª estação aeronáutica móvel, assim como o 3.º posto marítimo, graças à União Sul-Africana e ainda pelo feito dos escoteiros austríacos, que estabeleceram o primeiro contacto em teletipo com um dirigente escotista norte-americano.

Seguem-se pequenos capítulos com o resumo da actividade levada a cabo pelos seguintes países: Antilhas Holandesas, Arábia Saudita, Austrália, Áustria, Bahrein, Canadá, Ceilão, Dinamarca, Estados Unidos da América, Filipinas, Finlândia, Gâmbia, Holanda, Irlanda, Japão, Luxemburgo, Malásia, Nigéria, Noruega, Reino Unido, Singapura, Suíça, União Sul-Africana, Vaticano, Venezuela e Zâmbia.

Publica, também este relatório algumas considerações sobre o trabalho efectuado pelos escoteiros portugueses, quer no Continente, quer no Ultramar.

A parte que diz respeito ao Continente começa com felicitações ao secretário-geral adjunto da A. E. P., o nosso amigo Sr. Justino Estêvão da Silva, pela excelente campanha publicitária acerca do 11.º JOTA que foi levada a efeito, a qual consistiu na publicação de um folheto mimeografado, numa exposição de recortes de jornais, fotografias, sobrescritos do primeiro dia, cujas obliterações eram feitas num posto de correio, que funcionou na sede central da A. E. P. durante os dois dias do JOTA, devidamente autorizado pelos C. T. T.

O relatório faz ainda referência às reportagens a artigos publicados em doze jornais diários do nosso país e revela que foram 11 as estações onde actuaram os escoteiros da A. E. P. (Continente, Açores, Angola e Moçambique).

Na parte respeitante a Moçambique, o relatório endereça parabéns ao organizador desta actividade naquela província, o sr. J. N. R. Vinhas. No relato, lê-se que os escoteiros de 11 grupos de toda a província de Moçambique estiveram em 21 postos de amadores. A propaganda desta actividade foi feita por meio de um magazine, publicado com a devida antecedência.

Sublinha, com aprazimento, o facto de, tanto no Continente, como no Ultramar, terem participado no JOTA as Guias de Portugal.

O relatório tem ainda outros capítulos dedicados a informações e esclarecimentos de interesse para os escoteiros e radiamadores.

Arquivo Albert Schweitzer

Deverá ser inaugurado, em meados de Fevereiro próximo, na cidade de Frankfurt sobre o Meno, um Arquivo Albert Schweitzer, que deverá conter principalmente manuscritos, cartas, diplomas e fotos do grande médico, cientista e artista. Albert Schweitzer, nascido a 14 de Janeiro de 1875, em Kaisersberg (Alsácia), foi em 1913 para Lambarene, na África, como médico missionário. Lá, ele fundou, no meio da floresta virgem, um hospital, no qual trabalhou até a sua morte, ocorrida em 4 de Setembro de 1965. Em 1951, recebera o Prémio da Paz do Comércio Livreiro Alemão, e em 1953 foi distinguido com o Prémio Nobel da Paz.

Saber tirar partido

Os escoteiros de Stalham, Norfolk, Grã-Bretanha, ficaram com a sua sede destruída, devido ao facto de lhe ter caído em cima uma árvore de cerca de 18 metros.

Voltando em Julho ao local, começaram a serrar a árvore e a transformá-la em lenha para ser vendida para aquecimento. Estão agora ocupados com essa venda e pensam arranjar, por esta forma, dinheiro para reconstituírem a sede.—*The Guildsman.*

II Concurso de Fotografia para escoteiros

Está publicado o Regulamento do II Concurso de Fotografia promovido pelo Clã n.º 6 do LXVII Agrupamento da C. N. E. e que se encontra aberto a todos os membros das associações escoteiras portuguesas — C. N. E., A. E. P. e Guias de Portugal —, sendo indispensável apenas que os concorrentes se encontrem em actividade, independente do cargo ou da secção a que pertençam.

São admitidos três temas:

Tema A — ESCOTISMO
Tema B — PAISAGEM
Tema C — RETRATO

Cada concorrente pode apresentar até cinco fotografias, não podendo mais de três terem o mesmo tema por objecto.

Para efeitos de apuramento, apenas serão considerados os trabalhos a preto e branco, com o formato de 18 × 24, sem margem. O prazo para a recepção das fotografias termina em 15 de Maio de 1969.

A falta de espaço não nos permite transcrever todas as condições estabelecidas no bem elaborado programa, mas os interessados poderão escrever para:

II Concurso de Fotografia
Clã 6 — Rua Capitão-Tenente Oliveira e Carmo, 6-2.º esq.º
Lisboa 6

a solicitar verbetes de inscrição e um exemplar do respectivo Regulamento.

Espera-se que este concurso possa despertar o maior interesse entre todos os Escoteiros e Guias, sòmente nos parecendo demasiado curto o prazo estabelecido para a entrega das fotografias, o que deixamos à consideração dos organizadores.



Escotismo e Política

Bem haja **Sempre Pronto** por ter resolvido publicar em separata o artigo do Escoteiro-Chefe Professor António Alvaro Dória, sob o título «Escotismo e Política», porque, fazendo-o, presta grande serviço a escoteiros, e não escoteiros, no sentido de nos apercebermos de que o Fundador do Escotismo teve sempre presente os deveres cívicos, coisa de que a maior parte dos cidadãos se alheia.

O artigo é tanto mais oportuno pela necessidade de desenvolver, na juventude dos nossos dias, preocupada com futilidades, aquele espírito de cidadania que se impõe para bem servirmos a Pátria.

Não estamos, de facto, preparados para compreender as palavras de Laszlo Nagy, que o Professor Dória confessa terem servido de base ao artigo em causa. Para o comprovar, basta atentarmos: «Não é preciso fazer perguntas ao rapaz para se descobrir que se assiste em todo o Mundo a um crescente interesse dos jovens pela política. Este interesse varia de intensidade e manifesta-se de diversas maneiras conforme a idade, a educação e o temperamento do rapaz, conforme a origem e o grau de evolução da sua pátria, assim como outros elementos».

Ora, no capítulo político, forçoso é concordarmos que a nossa juventude está muito longe de alcançar o que a mesma traduz, se considerarmos que política é a arte de governar os povos. Estes não podem ser governados através de atitudes insensatas como as que se vêm manifestando pelo mundo fora, que mais traduzem indisciplina do que princípios tendentes a melhores dias para a humanidade. Temos, estamos convencidos, jovens capazes de prepararem um Mundo melhor, mas também temos, talvez em maioria, os insensatos que agem mais para satisfação daquilo a que bem poderemos chamar prazeres materiais, do que para se conseguir o que todos necessitamos: paz e progresso.

Se todos os jovens se tornarem escoteiros, talvez seja possível sã política; contràriamente antevemos, senão o caos, pouco menos.

Tornemo-nos, pois, escoteiros sem divisões de qualquer espécie, isto é, para ser escoteiro não consideramos raças, credos, cores ou políticas, todos formando um corpo onde esteja presente Deus, Pátria e Família.

Joaquim de Sousa Piscarreta

Um campeão de boxe dedica-se ao Escotismo

Archie Moore, antigo campeão de boxe de meios-pesados, é presentemente membro da *Boy Scouts of América* e trabalha em centros organizados em cidades, com o fim de criar e estimular aí a prática do escotismo.

Moore declarou: «*O escotismo devia expandir-se. Todos os jovens podem vir para os seus grupos, mas têm necessidade de ser guiados pelos adultos*».

SEMPRE PRONTO

Número 288

O

Abril de 1969

MENSÁRIO ESCOTISTA

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

NA ROCHA DO CONSELHO

«Não devia ser permitido que alguém tomasse a chefia de uma Alcateia (...) sem ter conhecimentos básicos da matéria...» — afirma o Escoteiro da Pátria e Chefe de Alcateia Rui Horácio Filipe Macedo.

Continuando a nossa série de entrevistas com dirigentes de lobitos, vamos hoje falar com Rui Horácio Filipe Macedo.

Trata-se de «prata da casa» e, com propriedade o dizemos, porque o nosso entrevistado é filho do nosso administrador... e elemento activo do Grupo n.º 94, que tão grandes afinidades tem com «Sempre Pronto».

Rui Horácio é um jovem de 20 anos. 20 anos calmos e bem dispostos! Frequentando já o Curso Superior de Belas Artes, pode dizer-se que tem sido um escoteiro valioso e activo dentro do seu grupo, onde começou como lobito e alcançou o galardão de Escoteiro da Pátria.

Apanhámo-lo a jeito, exactamente no final de uma reunião da Alcateia. Dissemos-lhe ao que íamos. Queria ser dos últimos. Qual o quê?! Precisamos imediatamente da tua opinião! Disparámos a primeira pergunta:

— Por que te dedicaste ao Ramo Lobito? Não seria mais atraente um dos outros ramos do Escotismo?

A resposta veio pronta:

— Dediquei-me ao Ramo Lobito por ser a Divisão dos Escoteiros de Portugal que mais necessita de apoio e também por ver nela a base do recrutamento para bons e futuros elementos do nosso movimento. Porém, no escotismo todas as divisões são atraentes. No entanto, a Divisão Escoteira, rica em actividades e mais em contacto com a natureza, despertaria em mim maior interesse e oferecer-me-ia campo para extraordinárias amizades.

Naturalmente concordámos com o Rui sobre a última parte da resposta e voltámos a perguntar:

— Verias vantagens em que os chefes de alcateia frequentassem cursos que colocassem ao seu alcance os modernos requisitos para lidar com crianças?

A resposta foi calma e segura:

— Certamente. Acho que isso seria a BASE LÓGICA e não devia ser permitido que alguém tomasse a chefia de uma alcateia, ou de qualquer outro cargo, sem ter conhecimentos básicos da matéria e do fim a alcançar com ela. Além disso, julgo necessários conhecimentos sobre a psicologia infantil, aliados, claro está, ao gosto e ao jeito de lidar com crianças. É precisamente aqui que verifico a falha da A. E. P.: não se devia confiar qualquer cargo sem que antes se prestasse provas que garantissem um bom desempenho do mesmo. Também sou de opinião que se devia ter conhecimento das actividades modernas, pelas quais as crianças têm gosto e ânsia de saber, como a conquista do espaço, desportos em voga, etc.

Depois de analisarmos as respostas de Rui Horácio, disparámos duas perguntas um tanto pertinentes:

— Crês-te com conhecimentos suficientes sobre lobitismo e psicologia? Já que falaste em actividades modernas, achas o nosso método antiquado?

— Tenho bastantes conhecimentos deste Ramo. Fui lobito quatro anos e acompanhei de perto os dirigentes do meu grupo. Pratiquei, portanto, o que ensino agora. Sobre psicologia, limito-me ao que aprendi no liceu e através de boas leituras e conversas sobre o assunto. Se o lobitismo está antiquado? Eis uma pergunta que deveria ser estudada muito a sério por todos aqueles que se interessam pelo lobitismo. Já na reunião de chefes de alcateia do Núcleo B falei no caso. Acho que há diferença de mentalidade e, portanto, de aceitação do método entre os lobitos dos 6 aos 8 e dos 9 aos 11 anos. Actualmente, em que a mentalidade do rapaz, em relação ao de 1911, está muito desenvolvida, é que se nota essa diferença. Se a história de Maugli é bem aceita pelos mais pequenos, nota-se que dificilmente o é pelos mais crescidos, se não começaram muito cedo nos lobitos. Portanto, penso que era de estudar bem o assunto.

A nossa conversa aproximava-se do final, mas ainda pusemos esta questão:

— Vês alguns entraves ao desenvolvimento do Ramo Lobito?

Depois de pensar um pouco, o nosso interlocutor respondeu:

— Os entraves que vejo no desenvolvimento desta divisão são os mesmos que encontro quanto ao escotismo em geral. Posso enumerar dois: falta de indivíduos à altura de tomarem a sério a chefia de qualquer secção (quando aparece um bom chefe aparece bom escotismo); deficiente propaganda do escotismo. No nosso país, 90 % da população desconhece o movimento. Isso é muito mau, porque o que não é conhecido não é procurado. Posso referir o que já expus, há perto de dois anos, no meu relatório sobre o Jambori de 1967 (que a AEP não divulgou): os países, neste caso concreto os EUA e o Canadá, nos quais o escotismo é sobejamente conhecido por toda a população, não prescindem dos seus serviços de propaganda. Digo no relatório: «Os escoteiros canadianos tinham ali (Exposição Mundial de Montreal) um pavilhão de propaganda escotista e prestavam interessantes serviços na feira, auxílio nos diversos pavilhões, condução de pessoas inválidas, etc. Outra coisa interessante que vi nas cidades que visitei foi a publicidade escoteira, feita por meio de pequenos cartazes colocados nos transportes públicos. Vi ainda alguns programas de televisão, feitos por escoteiros, que mostravam actividades escotistas. Estou certo de que as nossas carências nestes dois aspectos, aliados às precárias condições financeiras e de instalação dos grupos, são os principais entraves ao progresso da divisão lobito e das outras divisões.

Com um aperto de mão e desejos de *boa caça*, terminou a nossa conversa.

Armando Inácio

ATENÇÃO, LOBITOS!
ATENÇÃO, LEITORES DOS 7 AOS 11 ANOS!
SENSACIONAL CONCURSO DE DESENHOS
E... 12 MAGNÍFICOS PRÉMIOS!

«Sempre Pronto» vai promover, entre os seus jovens leitores e lobitos de idades compreendidas entre os 7 e os 11 anos, um CONCURSO DE DESENHOS.

O CONCURSO abrange dois temas:

1.º. Como vi um acampamento escoteiro;

2.º. Tema livre (à escolha do concorrente).

São 4 as modalidades admitidas:

— A carvão (ou lápis preto);

— A lápis de cor;

— A aguarela ou guacho;

— Composição com papéis de lustro e decorativos (colagens).

ATENÇÃO AO REGULAMENTO:

1.º — Os trabalhos são feitos em papel do formato almaço (22 × 32 cm);

2.º — Não é obrigatório concorrer em ambos os temas;

3.º — Cada concorrente pode apresentar diversos trabalhos nas modalidades que desejar;

4.º — Os concorrentes devem indicar, nas costas do desenho, o nome, idade e morada. No caso de ser lobito, acrescentará o nome do bando e o número do grupo a que pertence;

5.º — O prazo para a entrega dos trabalhos termina em 30 de Junho p. f.;

6.º — Os trabalho concorrentes ficarão propriedade de SEMPRE PRONTO.

Oportunamente, daremos a conhecer a composição do júri, bem como alguns dos prémios a atribuir.

MÃOS À OBRA!

Comecem já a enviar os desenhos para:

Jornal SEMPRE PRONTO
Concurso de Desenhos
Rua Comandante Freitas da Silva, 6-r/c dt.º
LISBOA-3